

ESCOLA, EDUCAÇÃO E VALORES: Um olhar sobre a educação para os valores e o ensino da ética no curso de licenciatura em Enfermagem

SCHOOL, EDUCATION AND VALUES: a view to education for values and the teaching of ethics in the Nursing License Degrees

Paula Alexandra Ângelo Ribeiro Marques

Escola Superior de Saúde – IPP
prof.paulamarques@essp.pt

Resumo

Pode a Escola “ensinar” a Ética?... No projecto de investigação que estamos a desenvolver, no âmbito do nosso doutoramento, torna-se relevante tentarmos responder a esta questão. Abordamos o papel e o lugar da Ética, e mais especificamente da Bioética, e do seu ensino, no contexto da formação de novos enfermeiros; que o mesmo é dizer, que procuramos analisar e perceber a sua importância e pertinência no âmbito da formação em Enfermagem, ou seja, da formação para o Cuidar.

Para Wittgenstein “a ética não pode ser ensinada. Se fosse necessária uma teoria para explicar a outra pessoa a essência da ética, esta não teria qualquer valor”. Será então que compete mesmo à Escola “ensinar” Ética? Porquê? Como e quando o pode ou deve fazer? É em torno destas questões que se desenvolve o projecto de investigação que gostaríamos de apresentar.

Finalmente, acreditamos e defendemos que o ensino da Ética e da Bioética no curso de licenciatura em Enfermagem exige novas respostas didáticas e pedagógicas e deve ser encarado, sobretudo, como um desafio transdisciplinar. Nunca pode, portanto, ser “responsabilidade” exclusiva de uma única cadeira, ou do respectivo professor.

Palavras chave: Escola, Educação, Valores, Enfermagem.

Abstract

Can school “teach” Ethics? ... In the doctorate investigation project that we are developing, it becomes relevant the answer to this question. We bring the role of Ethics and more specifically of Bioethics and its teaching in the context of new nurses’ training, trying to analyse and understand its importance and relevance in the Nursing training, meaning care training.

According to Wittgenstein “ethics cannot be taught. If a theory to explain to others the essence of ethics was needed, this would be of no value”. Is it true that School should really “teach” Ethics? Why? How and when should that be done? These are the questions that develop our investigation project and that we would like to present.

Finally, we believe and argue that the teaching of Ethics and Bioethics in the Nursing License Degree demands for new didactic and pedagogical answers and that it should be regarded as a trans-disciplinary challenge. It cannot be, therefore, an exclusive responsibility of a single subject or a single professor.

Keywords: School; Education; Values, Nursing.

1. ENQUADRAMENTO E JUSTIFICAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

De acordo com uma ideia bastante defendida, e difundida, as sociedades actuais estarão a atravessar uma profunda, sem precedentes, e generalizada crise de valores. Há mesmo quem, de forma mais radical, defenda que caminhamos a passos largos para um Mundo sem valores e sem ética. Para os que assim pensam, esta época da globalização, ou da mundialização, é também o tempo da insegurança, da desagregação social e da falência moral. A História ensina-nos, a este propósito, que a difusão e a defesa extremada de teses deste tipo, sobretudo quando propagadas de forma panfletária e populista, está quase sempre na base de “soluções” radicais, de consequências nefastas e difíceis de ultrapassar.

Estaremos então a caminhar para um Mundo sem valores e sem ética? Não cremos que assim seja! O que se passa, a nosso ver, é que o Mundo não pára, nunca pára... antes está em constante evolução, mudança e transição; e as décadas mais recentes, e o tempo actual em que vivemos, são certamente os melhores exemplos da dinâmica a que nos referimos, e das suas consequências. E um mundo em transformação e em transição (e não há como negar esta realidade a nível, por exemplo, de novos processos e realidades sociais, de novas estruturas de referência ideológica, política e até religiosa, do papel central e do carácter global da informação, dos novos fenómenos culturais, da interdisciplinaridade, da globalização e do quase livre acesso à complexidade técnica e científica...) *“esvazia-se necessariamente das maneiras de pensar e dos juízos dominantes, das ideias e das normas adquiridas. Ousa aventurar-se à novidade do desconhecido. É um período de ‘nunca mais’ e de ‘ainda não’, aparentemente vazio e, contudo, cheio da potencialidade necessária para uma clara reavaliação de valores”* (Pintassilgo, s.d.).

Os exemplos que atrás referimos, relacionados com o fenómeno que designámos por “Mundo em transição”, colocam-nos imediatamente uma interrogação: como é que o sistema educativo se deve relacionar e actuar, face ao ambiente e à realidade onde está inserido? Ou, no que se refere ao tema (mais específico, mas central relativamente à investigação que pretendemos realizar) da educação para os valores, tornam mais claramente compreensível uma questão fulcral: qual é a articulação desta e o seu grau de dependência, face às características da sociedade.

Dito de outra forma: sendo aceite que o sistema educativo “transporta” um conjunto de valores, que alguns autores designam por fundamentais ou absolutos, como é que o mesmo se deve “comportar” perante o aparecimento de outros (novos?) valores, de carácter contextual e sujeitos a um processo de construção/reconstrução social? Como pode a educação evocar, ao mesmo tempo, o Mundo como um todo comum partilhado por muitos, e as realidades específicas (profissão, comunidade, país...), onde todos os valores serão expressos?

Nos tempos que correm parece tornar-se cada vez mais necessário englobar no “sistema de valores” as múltiplas causas e consequências de qualquer acção. Ao falarmos de valores contextuais não pretendemos legitimar ou defender qualquer tipo de relativismo ético ou de princípios, mas tão-só reforçar o facto de que, fora da totalidade

do contexto, esses mesmo valores poderem ser irrelevantes ou mesmo inadequados. A educação para os valores é, antes do mais, a criação de condições para que cada indivíduo possa elaborar a sua equação pessoal dos valores. Tal exigirá, certamente, a procura de novos paradigmas e uma atitude de disponibilidade e abertura para a reflexão e a aprendizagem permanentes.

Pode a Escola “ensinar” a Ética?

É relevante, para este nosso trabalho e tendo em conta a temática do mesmo, tentarmos responder a esta questão. Estamos a tratar do papel e do “lugar” da Ética, e do seu ensino, no contexto da formação de novos enfermeiros; que o mesmo é dizer, procuramos analisar e perceber a sua importância e pertinência no âmbito da formação em Enfermagem, ou seja, da formação para o CUIDAR. Mas será que compete mesmo à Escola “ensinar” Ética? Porquê? Como e quando o pode ou deve fazer? Será em torno destas questões que iremos reflectir...

Lobo Antunes, por exemplo, referindo-se ao ensino da Ética no curso de Medicina (e aqui estabelecemos nós algum paralelismo com o de Enfermagem) afirma que “...é bom chamar a atenção para o facto de, quando este (estudante) ingressa no curso de Medicina, o seu carácter estar já definido por factores genéticos, ambientais, culturais ou sociais... não devemos por isso ter ilusões quanto à nossa capacidade de transformar vigaristas em ímpolutos, ou preguiçosos em diligentes” (Antunes, 1996). A este propósito, de resto, cita Wittgenstein: “a ética não pode ser ensinada. Se fosse necessária uma teoria para explicar a outra pessoa a essência da ética, esta não teria qualquer valor” (Antunes, 1996). Não nos parece existir aqui uma posição intransigente, que pretenda justificar ou legitimar a “extinção” ou o abandono puro e simples do ensino da Ética, nomeadamente nos cursos da área da Saúde. Ao contrário, o que hoje parece ser consensual, coincidindo de resto com a opinião que defendemos, é que a Ética deve ser objecto de incremento e desenvolvimento nestes mesmos cursos. Mas esse incremento e reforço não pode ser feito (e é neste espírito que se inserem as observações acima citadas) à custa do estudo “livresco”, meramente teórico ou apelando à memorização, desinserido da prática e desligado da reflexão e da discussão em torno das grandes questões éticas e morais com que estes estudantes / futuros profissionais irão ser confrontados ao longo da vida...

Educar para os valores é trabalho de todos os tempos, instituições, grupos e sociedades. De facto, a educação “contém” sempre valores, mesmo que estes nem sempre sejam claramente perceptíveis ou explícitos; sendo fácil e amplamente aceite que “...não pode haver autêntica educação sem que os valores a suportem, a impregnem e a envolvam” (Patrício, 1993). É certo que “os valores mudam de sociedade para sociedade e modificam-se no decorrer da história” (Alberoni, 1994); mas não é menos verdade que tal realidade representa, para a Escola, o enorme desafio de procurar o seu caminho entre duas realidades aparentemente contraditórias, mas que na realidade se completam: “preservar os valores ‘perenes’ da sociedade e, ao mesmo

tempo, dispensar um ensino cada vez mais atento aos rápidos progressos técnicos” (Mollo, 1979).

É evidente e inegável, de tão óbvio, que o papel primordial na educação para os valores cabe essencialmente à família. De facto, é na família e da família que devem “brotar” os valores, que se deve aprender o respeito pelo outro, a solidariedade, a justiça, o amor e a fraternidade, e “...*é no seio da família que o homem se educa e desenvolve o seu perfil numa relação de pessoas*” (Lopes, 1992). No entanto a Escola tem também responsabilidades nesta matéria; sendo lícito referir (nestes tempos em que a Qualidade parece estar, a todos os níveis, “na moda” e a ditar as suas regras) que educar para os valores constitui um dos maiores desafios à qualidade do trabalho pedagógico.

Não restam dúvidas de que a responsabilidade em termos de educação, e mais especificamente de educação para os valores, é uma responsabilidade de todos nós: indivíduos, família, Escola, sociedade em geral. Sendo na família e na Escola que primeiramente se manifesta a própria Vida, nas suas múltiplas vertentes, é a estas duas instituições que compete grande parte, a maior parte dizemos nós, da responsabilidade no que à “tarefa” educativa diz respeito.

Falando da Escola, porque é ela que prioritariamente interessa para este trabalho, concordamos que ela não pode ser “...*apenas um lugar de transmissão de conhecimentos meramente teóricos... os valores éticos, os direitos do Homem e a tolerância são realidades que não podem ser esquecidas*” (Martins, 1993).

Parece-nos bastante óbvio que mais importante que a preocupação, pura e simples, com a existência de uma disciplina de Ética, e com o cumprimento estrito e escrupuloso do respectivo programa curricular; mais importante, dizíamos nós, será talvez que o professor (todo o professor, independentemente da sua área específica de formação e da disciplina que leccione) reflecta sobre a dimensão ética da função educativa e seja capaz de assumir-se como educador moral.

A nossa investigação debruçar-se-á sobre o caso específico e particular da formação inicial em Enfermagem. Por isso, e aqui chegados, entendemos ser pertinente desenvolver um pouco mais a questão da prática da formação, em termos de licenciatura em Enfermagem, na perspectiva dos valores.

A que nos estaremos, afinal, a referir quando falamos em “valores” e em “formação em Enfermagem”? Procurando efectuar uma ponte entre a reflexão ética e o Código Deontológico da profissão, Nunes (2003) considera ser “...*mais razoável pensar os valores finais e pensar como se pode favorecer o seu desenvolvimento ao longo de 4 anos*”; e identifica valores em relação a quatro “áreas” fundamentais:

1. valores em relação ao Outro, no geral; e à Pessoa assistida, em particular
 - dignidade humana
 - respeito pelos Direitos Humanos
 - cidadania
 - excelência no Cuidar
2. valores em relação a si próprio, enquanto enfermeiro

- dignidade
- autonomia
- responsabilidade
- competência

3. valores em relação à profissão e aos colegas

- dignificação
- solidariedade
- correcção e urbanidade
- probidade

4. valores em relação às outras profissões

- articulação
- complementaridade
- co-responsabilidade
- respeito

Um dos meios de que a escola dispõe para promover um agir, na perspectiva dos valores, é, em primeiro lugar, o exemplo do professor. É que os valores éticos só passam de uma geração a outra pelo exemplo; pelo que é bom ter em linha de conta que o exemplo é fundamental e transformador. Aliás na nossa actividade como docentes de Enfermagem sabemos isto e assumimos claramente que assim é quando, sobretudo em períodos de práticas em contexto real e estágios, em hospitais ou outras organizações de saúde, procuramos profissionais com “boas práticas” para que sirvam de referência e de modelo aos estudantes, e para que mais directamente os orientem no seu período de aprendizagem prática.

2. QUESTÕES E OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O enquadramento atrás exposto fornece-nos o contexto, e pistas, que nos permitem formular algumas questões, orientadoras da investigação que pretendemos realizar.

1. Qual o “lugar” e a importância da educação moral, e da formação ética, na licenciatura em Enfermagem, na perspectiva dos respectivos docentes?
2. Qual a finalidade da existência de uma disciplina de Ética no *curriculum* da licenciatura em Enfermagem?
3. Quais os princípios e valores, em termos morais e éticos, que o estudante de Enfermagem deve desenvolver e aprofundar, ao longo dos 4 anos da sua formação inicial?
4. Será possível evoluir, em termos da formação em Enfermagem em Portugal, para a definição de um quadro conceptual que sirva de base à educação moral e ética dos estudantes/futuros enfermeiros?

Tendo por base estas questões, pensamos estar em condições de formular os objectivos da investigação que queremos realizar. Assim, pretendemos:

» **Analisar a percepção dos docentes de Enfermagem, relativamente ao papel e à importância da educação moral e ética no curso de licenciatura em Enfermagem;**

» **Identificar um conjunto de competências morais e éticas, em termos de princípios e valores, que o estudante de Enfermagem deve “possuir” ao concluir a sua formação inicial / licenciatura.**

3. PROPOSTA DE METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Por forma a encontrarmos respostas para as questões que enunciámos no ponto anterior, e atingirmos os objectivos que identificámos, pretendemos que a nossa investigação decorra de acordo com as seguintes etapas:

1ª - Elaboração do enquadramento teórico / quadro conceptual da investigação, o que passará nomeadamente por:

- revisão e análise da literatura;
- revisão e análise de investigação já efectuada, e que se relacione com a área temática do nosso estudo;
- análise comparativa dos *curricula* do curso de Enfermagem, em particular na área da formação ética / bioética, leccionado em escolas portuguesas, e noutros países europeus, EUA, Canadá, Brasil...;
- análise de documentos (sejam eles de carácter orientador ou normativo), produzidos pela Ordem dos Enfermeiros, nas áreas da Ética, Bioética e Deontologia.

2ª - Elaboração do questionário a aplicar, para o que contaremos com os seguintes contributos:

- informação obtida na etapa anterior;
- realização de entrevistas a peritos / recolha de testemunhos privilegiados; nas áreas da Enfermagem (Ordem dos Enfermeiros, membros de órgãos directivos, científicos e pedagógicos de Escolas Superiores de Enfermagem), e da Ética / Bioética (Associação Portuguesa de Bioética, Centro de Estudos de Bioética, Departamentos / Centros de Ética e Bioética de Universidades).

3ª - Investigação empírica

- Utilizaremos na nossa investigação a **Técnica Delphi**. Depois de termos construído o questionário, iremos aplicá-lo a um grupo de especialistas no tema da nossa investigação; mais concretamente a docentes que leccionam a disciplina de Ética / Bioética / Deontologia (a designação poderá variar de escola para escola...) nos cursos de licenciatura em Enfermagem existentes no nosso País. As respostas obtidas nesta primeira ronda serão analisadas e tratadas estatisticamente, dando origem a nova ronda, e assim sucessivamente;

até que seja entendido que a divergência de opiniões entre esses especialistas foi reduzida para um nível satisfatório, e considerando-se as respostas obtidas na última ronda como o consenso do grupo (os critérios para a definição do que se entende por consenso devem ser claramente definidos antes de cada ronda).

4ª - Redacção da Tese

4 – ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alberoni, F. (1994). Valores. Venda Nova: Bertrand.

Antunes, J. L. (1996). Um Modo de Ser. Lisboa: Gradiva

Lopes, J.; Fonseca, A. M. (1992). Família: comunidade e promoção de valores. Servir, 40 (6), 308-314.

Martins, G. O. (1993). Escola de Cidadão. Lisboa: Ed. Fragmentos.

Mollo, S. (1979). A Escola na Sociedade. Lisboa: Edições 70.

Nunes, L.(2003).A qualidade da prática da formação e dos cuidados de saúde na perspectiva dos valores. Comunicação apresentada no Simpósio” A qualidade na formação e nos cuidados de saúde. Que caminhos?”, Escola Superior de Enfermagem de Viana do Castelo, acedido em 12 de Junho de 2009 em http://lnunes.no.sapo.pt/adescoberta_files/qualidadedaformacao.pdf

Patrício, M. F. (1993). Axiologia Educacional. Lisboa: Universidade Aberta.

Pintasilgo, M. L. (s.d.) – Ética, Cidadania e Política (comunicação com notas manuscritas), acedido em 11 de Junho de 2009 em <http://www.arquivopintasilgo.pt/MLP/Documentos/0209.026.pdf>